

# “UMA SERPENTE DE FOGO COM RASTROS DE SANGUE”: A EXPERIÊNCIA PROMESSEIRA NA ROMARIA DO SENHOR DOS PASSOS DE SÃO CRISTÓVÃO

por

Magno Francisco de Jesus Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** A solenidade do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão, estado de Sergipe, é a maior romaria quaresmal do Brasil e um dos mais emblemáticos rituais penitenciais católicos do Nordeste brasileiro. Este artigo tem como foco a experiência promesseira dos romeiros que participam das celebrações. O objetivo é entender como as práticas votivas constituem o enredo no ordenamento do espaço urbano e na inserção dos sujeitos. Além disso, buscou-se entender a temática penitencial nas narrativas sobre a romaria.

**Palavras-chave:** Romaria; Senhor dos Passos; promessa.

**Resumen:** La solemnidad del Señor de los Pasos en la ciudad de San Cristóbal, estado de Sergipe, es la mayor romería cuaresmal de Brasil y uno de los más emblemáticos rituales penitenciales católicos del Nordeste brasileño. Este artículo tiene como foco la experiencia votiva de los romeros que participan de las celebraciones. El objetivo es entender cómo las prácticas votivas constituyen el enredo en el ordenamiento del espacio urbano y en la inserción de los sujetos. Además, se buscó entender la temática penitencial en las narrativas sobre la romería.

**Palabras clave:** Romería; Señor de los Pasos; promesa.

## SOLENIIDADE SENHOR DOS PASSOS

*Dos céus veio nos trazer a Lei do Amor,  
E homens bárbaros à morte condenaram.  
Ressuscitou e subiu aos céus, Cristo Nosso Senhor.  
Aspectos que se nos oferece a solenidade de Passos.*

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: magnohistoria@gmail.com.

*Acontecimentos previstos para esse fim de semana,  
Quando São Cristóvão se transforma em templo,  
Acolhendo compacta massa humana,  
Aspectos da vida de Cristo revivendo.*

*Sábado à noite procissão de penitência,  
Que se realiza em clima de piedade,  
Inundando praças, ruas e templos,  
Rendendo a Cristo, pelos seus sofrimentos, homenagens.*

*Uns acompanham a procissão de pés descalços,  
Outros conduzindo feixe de lenha, atado, à cabeça;  
Ainda outros de joelhos ou rolando acompanham o trajeto,  
E quase todos conduzindo velas acesas.*

*Domingo, missa festiva às 9 horas,  
E as 16 horas a Procissão do Encontro.  
Momento de grande emoção,  
Quando Cristo e sua mãe se defrontam.*

*Maria Santíssima vê seu Filho,  
Para nos salvar carregando pesada cruz.  
E ainda hoje homens ingratos e insensatos,  
Por esse sacrifício, não agradecem ao Senhor Jesus.*

Manoel Ferreira Santos, São Cristóvão, 6 de março de 2001

A epígrafe deste texto revela uma confluência de tempos e sensibilidades. Manoel Ferreira Santos, poeta da cidade de São Cristóvão, apresenta os dramas vivenciados na romaria do Senhor dos Passos, principal manifestação devocional do estado de Sergipe<sup>2</sup> e maior romaria quaresmal do Brasil.<sup>3</sup> Na escrita poética

---

<sup>2</sup> A romaria do Senhor dos Passos é a segunda maior manifestação católica do estado de Sergipe, reunindo aproximadamente cento e cinquenta mil romeiros. Em número de devotos, no âmbito do estado de Sergipe, somente a peregrinação ao Santuário de Divina Pastora reúne mais devotos.

<sup>3</sup> As maiores romarias brasileiras do período quaresmal são: Senhor dos Passos da cidade de São Cristóvão (Sergipe), Senhor dos Passos de Oeiras (Piauí), Senhor dos Passos de Florianópolis (Santa Catarina) e, em menor escala, as romarias da Semana Santa em Monte Santo (Bahia) e Carnaúba dos Dantas (Rio Grande do Norte).

de Manoel Ferreira, a romaria da velha cidade revela o encontro dos tempos. Os romeiros, vestidos em mortalhas roxas, *convivem* com o Cristo em seus martírios da Paixão, no caminho para o calvário. Convivem e confundem suas dores. As dores sociais, de exclusão e marginalização coadunam com a expiação sofrida pelo Jesus dos Passos, em queda, ajoelhado, coroadado de espinhos, com rosto ensanguentado e desfalecido. Mesmo sendo a maior romaria quaresmal do país e a principal festa da cidade, a celebração do Senhor dos Passos constitui uma festa triste, um enredo de sofrimento e lágrimas.

Nas palavras do poeta, nos dias de romaria, São Cristóvão não pode ser vista somente como a primeira capital de Sergipe ou a quarta cidade mais antiga do Brasil. Ela é a Jerusalém dos tempos bíblicos. Reifica a experiência do espaço sacralizado e torna contemporâneos homens e mulheres do tempo presente no contexto dos cruéis verdugos do primeiro século cristão. A cidade ritualiza-se. A cidade enreda-se na trama da Paixão. Moradores e romeiros reinventam-se, forjando identidades temporárias de atores que contemplam consternados as injustiças do mundo e a condenação de um ser divino. Diante disso, torna-se salutar discutir as ações vivenciadas na Romaria do Senhor dos Passos na busca da compreensão de práticas e sensibilidades que norteiam uma experiência singular do catolicismo no Brasil, por meio de três eixos: a cidade enlutada, a personificação da imagem sacra e as práticas votivas.

## 1. UMA CIDADE ENLUTADA

A romaria do Senhor dos Passos ocorre na cidade de São Cristóvão sempre no segundo final de semana da Quaresma<sup>4</sup>. A romaria é permeada por um conjunto de celebrações, como ofícios<sup>5</sup>, missas, procissões, sermões e tem como palco as igrejas e ruas estreitas da cidade, que nestes dias encontram-se cobertas de tecidos roxos. É um enredo permeado de procissões penitenciais que percorrem as ruas da velha cidade.

São Cristóvão é uma das cidades mais antigas do Brasil. Fundada nos idos de primeiro de janeiro de 1590, a velha urbe foi a quarta cidade fundada pelos

---

<sup>4</sup> Trata-se da última semana de lua cheia antes da Semana Santa e, também, da data de realização da Procissão do Senhor dos Passos da Graça de Lisboa, que ao longo do tempo teve uma importante vinculação com a família real portuguesa.

<sup>5</sup> Os ofícios da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo são celebrados durante sete semanas, nas sextas-feiras: em quatro semanas antes da romaria e três depois.

portugueses na América. Ainda nos primeiros anos após a fundação, o espaço urbano foi delineado pela edificação de templos e conventos por diferentes ordens religiosas, como franciscanos, carmelitas e capuchinhos. Além disso, destacaram-se os templos pertencentes às inúmeras associações leigas, como ordens terceiras, irmandades e confrarias.

Essa presença católica delegou a sua marca no espaço urbano de São Cristóvão. Na cidade baixa, marcada pela propagação do comércio e fábricas de tecidos, destacam-se as pequenas capelas devotadas a Santa Cruz. Na cidade alta, núcleo central dos poderes civis e religiosos, destacam-se os templos imponentes, com altares e imagens sacras barrocas, integrando um valioso acervo do patrimônio edificado, elevada a condição de monumento estadual de Sergipe em 1937; como Patrimônio Nacional, nos idos da década de 40 do século XX, e como Patrimônio Mundial da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), nos idos de 2010 (BRASIL, 2007).

Esse vasto acervo de monumentos edificados encontra-se disseminado nas praças e largos, que por sua vez, são interligadas por ruas estreitas, enladeiradas e retas. Esse traçado urbano é o palco de grandes manifestações culturais, como grupos folclóricos, o Festival de Arte de São Cristóvão (FASC), serestas, desfiles cívicos e, principalmente, as festas religiosas.

É nas ocasiões das procissões que a velha cidade assume aspectos de pompa e solenidade, como um eco de seus velhos tempos nos quais ostentava o título de capital política provincial.<sup>6</sup> Os sobrados e ruas são ornamentados para homenagear os santos protetores. Em tempos passados, todos os meses do ano eram marcados pela elevada quantidade de procissões, organizadas por 17 irmandades (SANTOS, 2013). Atualmente, muitas das antigas procissões desapareceram, enquanto outras foram recriadas, corroborando para a assertiva defendida por Pierre Sanchis no tocante às romarias portuguesas, nas quais muitas romarias desaparecem e outras são inventadas (SANCHIS, 1983). Entre as principais manifestações católicas de São Cristóvão destacam-se a romaria do Senhor dos Passos; as festas de Nossa Senhora da Vitória (padroeira da cidade) e de Nossa Senhora do Carmo; as procissões de *Corpus Christi*, do Fogaréu e do Cristo Rei.

Em tais solenidades religiosas a cidade transmuta-se. A trama das celebrações movimenta a população, que passa a vestir a antiga urbe de acordo com o teor da celebração. Assim, na Procissão de *Corpus Christi* os moradores passam a noite nas ruas, confeccionando os tapetes com maravalha e sal grosso, como uma longa

---

<sup>6</sup> São Cristóvão foi a capital da Província de Sergipe até o ano de 1855, quando a sede administrativa foi transferida para a vizinha cidade de Aracaju.

serpente maculada por cenas bíblicas, temas eucarísticos e de inspiração dos valores cristãos, tingindo o itinerário de passagem do Corpo de Deus por todas as sete igrejas do centro histórico<sup>7</sup>.

Na romaria do Senhor dos Passos, o teor solene e festivo é diluído pela imersão no roxo penitencial. Sobrados, cruzeiros e igrejas são ornamentados com tecidos roxos. Os emblemas da Paixão se tornam sinais que direcionam os romeiros pelas ruas, levando-os aos templos, especialmente, à Igreja da Ordem Terceira do Carmo, popularmente conhecida como Igreja Senhor dos Passos ou Igreja das Promessas<sup>8</sup>. São Cristóvão torna-se uma cidade enlutada, amortalhada para a vivência da sua maior celebração, para a recepção dos romeiros na festa triste dos Passos.



**Figura 1.** Imagem do Senhor dos Passos de São Cristóvão. Foto: Maxsuel Oliveira.

<sup>7</sup> O centro histórico ou cidade alta de São Cristóvão é constituído por sete igrejas: Matriz Nossa Senhora da Vitória, Igreja do Convento do Carmo, Igreja da Ordem Terceira do Carmo, Igreja Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos, Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Igreja Santa Isabel da Santa Casa de Misericórdia e Igreja do Convento São Francisco. Ainda podem ser incluídas as capelas da Ordem Terceira de São Francisco e as ruínas do Senhor dos Martírios dos Capuchinhos.

<sup>8</sup> É a Igreja onde ficam as imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade. No referido templo está instalado o Museu do Ex-voto de Sergipe, que reúne o maior acervo de ex-votos de Sergipe, depositados como forma de agradecimento pelas graças concedidas pelo Senhor dos Passos.

Esse teor lúgubre é completado pelo incessante dobre fúnebre dos sinos e pelo ecoar dos cânticos gregorianos ao longo do dia e dos motetos nas procissões. Esse quadro coaduna-se com as cenas vivenciadas na cidade nos dias de romaria. Os romeiros, quase sempre atuando como promesseiros, geralmente adentram a cidade vestidos em mortallas (túnicas roxas), coroados de espinhos e descalços. Desse modo, tanto o espaço urbano como os sujeitos envolvidos na trama cobrem-se de roxo, mergulham no enredo marcado por dores e expiação dos pecados.

Como principal romaria penitencial do período quaresmal, é comum que cronistas e romeiros associem a cidade de São Cristóvão à Jerusalém dos tempos bíblicos. Como um centro de romaria, o espaço urbano passa a exercer não somente uma centralidade espacial, por meio do deslocamento de romeiros, que caminham mais de 80 quilômetros para chegar ao templo, mas também temporal, no qual a romaria transporta simbolicamente os devotos para o tempo mítico da Paixão<sup>9</sup>. Sem deixar de ser a velha cidade sergipana, o espaço acopla a dimensão de sacralidade da “Terra Santa”, nas quais os seus logradouros transmutam-se em ruas da Amargura,<sup>10</sup> com a passagem do Cristo sofredor a caminho do Calvário.

Como uma Jerusalém bíblica, o espaço também revela seus atores, com a ritualização dos bastidores. Na quinta-feira anterior à procissão, três homens adentram o templo e cerram suas portas. É o dia da descida do Senhor dos Passos<sup>11</sup>. Após um ano de permanência no altar-mor da igreja setecentista, o Senhor dos Passos é descido, lavado e vestido em novas túnicas. Somente homens participam desse processo de vestimenta. Após a vestimenta e colocação da imagem na charola, ocorre o processo de encerro, com a cobertura do andor para a Procissão do Depósito. Os mesmos homens colocam a imagem de Nossa Senhora da Soledade na charola e retiram-se da nave. Três mulheres adentram e trocam as vestes da Virgem, com a mesma pompa. Ao concluir o trabalho, as portas da igreja são abertas e o sino dobra, convidando os moradores para verem de perto as sagradas imagens. É o momento no qual a água utilizada na limpeza da imagem é distribuída como relíquia<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> Tempo histórico de Jesus.

<sup>10</sup> Seriam as ruas por onde Jesus teria andado carregando a cruz, designada como *Via crucis*.

<sup>11</sup> No Brasil, existem duas tendências atinentes aos rituais de entronização das imagens. A primeira consiste na inserção dos ritos de descida e subida das imagens no conjunto de celebrações, nos quais as imagens são carregadas entre os devotos presentes. Esses são os casos dos festejos do Senhor do Bonfim em Icó, no Ceará (SANTOS, 2018), do Bom Jesus dos Navegantes de Touros, no Rio Grande do Norte, o Bom Jesus dos Passos de Florianópolis, em Santa Catarina; e do Senhor Bom Jesus dos Passos da Ilha do Bom Jesus, em Salvador, Bahia. O segundo caso, tem como exemplos mais elucidativos o Senhor dos Passos de São Cristóvão, em Sergipe e do Senhor dos Passos do Morro Vermelho, em Caeté, Minas Gerais (onde ocorre a lavagem da imagem com cachaça).

<sup>12</sup> A água é usada para o tratamento de doenças, assim como nos momentos nos quais enfermos agonizam. O mesmo ocorre com as velas transportadas na Procissão do Depósito, que são usadas pelos

É o início das visitas de fieis e romeiros do Senhor dos Passos, que passa quatro semanas em sua charola “ouvindo” os clamores de seu séquito.

## 2. VERÔNICAS, MADALENAS E CIRENEUS: OS SUJEITOS DA ROMARIA

O enredo da romaria do Senhor dos Passos é constituído por sujeitos anônimos. Em decorrência de sua relevância social da solenidade, com a reunião de aproximadamente 150 mil devotos, nos dois dias de celebrações, é possível encontrar praticamente toda a elite política do estado, como o governador, senadores, deputados estaduais e federais, prefeitos e vereadores. Todavia, são sujeitos que buscam ser vistos nas sacadas dos palácios, em momentos breves, especialmente, na ocasião do Sermão do Encontro. Os protagonistas da romaria não são os políticos, nem tampouco o clero. São os romeiros, sujeitos anônimos e quase sempre oriundos das classes marginalizadas, que protagonizam o espetáculo de fé, ora arrastando-se no chão, ora enfrentando longas filas para cruzar o itinerário sob a charola. Observe a Figura 2, com o ritual de passagem dos romeiros sob as charolas do Senhor dos Passos e da Virgem da Soledade.



**Figura 2.** Passagem dos romeiros sob as charolas. Foto: Elton Coelho.

---

nos momentos de dificuldades.

Esse ritual pode ser visto como uma dos elementos centrais da experiência romeira no âmbito devocional ao Senhor dos Passos de São Cristóvão. Após longas caminhadas, os devotos complementam a saga promesreira com o primeiro contato com a imagem, pautada em conversas, súplicas e toque da imagem, bem como o ato final de passar sob a charola em um itinerário que transmuta-se em cruz. Desse modo, o próprio encontro do devoto com a imagem sagrada é ritualizado. O sofrimento do Cristo é compartilhado, com a expiação dos pecados por meio da penitência, cobrindo os corpos em mortalhas e exercendo sacrifícios. Um exemplo disso é o momento do encontro entre as imagens do Senhor dos Passos e a Virgem da Soledade, na Praça São Francisco, como pode ser observada na Figura 3.



**Figura 3.** Sermão do Encontro e devotos despindo-se das mortalhas. Foto: Maxsuell Corrêa.

A Figura 3 revela um cenário no qual os romeiros anônimos do Senhor dos Passos assumem um papel relevante na trama dos Passos, como os seguidores e torturadores do Cristo nos tempos bíblicos. O espetáculo é complementado pela ritualização das promessas, na qual os romeiros despem-se de suas mortalhas e as jogam na charola do Senhor dos Passos. Trata-se de um ato final de um processo geralmente iniciado em momentos de dor e súplica, com a realização dos votos, passando pelo processo de cura e preparação do cumprimento dos votos. A entrega da mortalha significa entrega da dor compartilhada, o ato de agradecimento, o elo que sinaliza a aproximação entre o humano e o sagrado.

Esse enredo é complementado pela presença de sujeitos que assumem o papel de personagens bíblicos. Em São Cristóvão, essa atribuição é protagonizada por mulheres da própria cidade, que se revestem de múltiplas facetas de diferentes

temporalidades. Donas de casa e devotas, nos dias da romaria, essas mulheres constroem uma nova personalidade com atribuições de personagens do enredo da Paixão. Este é o caso de Dona Maria do Carmo, antiga moradora da cidade, que ao ouvir o dobre do sino do Carmo, anunciando a descida da imagem, se desloca até o templo para perfumar o Senhor dos Passos. Esse ato é repetido nos dias de romaria e nas quatro semanas subsequentes, período no qual o Senhor dos Passos permanece acessível para a veneração dos fieis. O ato performático de perfumar a imagem remete para o moteto do segundo Passo, no qual elucida a unção de Jesus com nardo. Trata-se do moteto *Maria ergo*, ou seja, “*Maria, ergo accépit libram unguénti nardi pistici pretiôsi, et inxit pedes Jesu, et extersit pedes ejus capellis suis et domus impleta est exodore unguenti*”<sup>13</sup>. A experiência devocional extrapola os cânones temporais e promove a atualização dos episódios da Paixão, constituindo uma trama na qual os romeiros assumem o papel de cireneus, espremendo-se nas ruas estreitas para auxiliar no transporte da charola do Senhor dos Passos. As mulheres, também assumem o uma nova identidade, similar ao das mulheres chorosas da Jerusalém antiga, carregando a Virgem da Soledade, chorando diante das imagens e clamando pelos filhos. Toda essa performance é concatenada por uma voz. Um canto triste que silencia o grande público e remete para as dores do Cristo e as dores vivenciadas pelos romeiros: trata-se do canto da Verônica. Uma jovem virgem da cidade, que caminha a frente da charola da Virgem da Soledade sobe na tribuna da Praça São Francisco e entoia o seu lamento. Para muitos é o ápice das celebrações, a voz autorizada a exprimir o teor da festa triste.

### 3. AS PRÁTICAS VOTIVAS NA ROMARIA DOS PASSOS

O cenário dramático e performático da romaria do Senhor dos Passos tem a marca das expressões populares, tanto no âmbito discursivo, quanto no estético. São as camadas populares que tingem a cidade com suas mortalhas em diferentes tons de roxo e com suas práticas votivas. Tais práticas foram registradas por cronistas e memorialistas que testemunharam e registraram a romaria.

Em 1947, apenas dois anos após a Segunda Guerra Mundial, o cronista Antônio Conde Dias publicou no jornal “*A Cruzada*” o artigo “Passos em São Cristóvão”. No entender do intelectual, a primeira capital de Sergipe era o lócus do passado e epicentro das manifestações de fé no estado.

---

<sup>13</sup> “Maria tendo tomado uma libra de bálsamo de nardo puro e verdadeiro, ungiu com ele os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos” (A BÍBLIA, JOÃO, 12:3).

É sempre com indisfarçável emoção que revejo a velha cidade de São Cristóvão de Barros, centro de irradiação da fé, comédia fecunda de vida religiosa, marco imperecível de um passado de glória e de esplendor. Suas muitas venerandas igrejas sonorizadas de sinos, iluminadas de tradições, enriquecidas de bênçãos, santificadas de preces, perfumadas de incenso, são atestados eloquentes dos sentimentos de religiosidade de seus antepassados símbolos indelévels da crença sublime que sempre fortificou a alma do seu povo. (...).

Difícil debuxar esse quadro magnífico, de tonalidades vivas e impressionantes que se desenha, todos os anos, ate os olhos do povo cristovense e a de quantos romeiros de várias partes do Estado demandam à terra do Vigário Barroso, para tributar ao Senhor dos Passos louvores sempiternos. São 16 horas. A praça da matriz regorgita de fieis. As vistas e atenções estão voltadas para o secular templo de Nossa Senhora das Vitórias. Precedido da cruz, o grandioso préstito começa a movimentar-se lenta e piedosamente. Ao planger dolente dos campanários e ao ritmo das tristes melancolias sacras, a procissão percorre as três primeira estações, antes de atingir o local do Encontro. Chega o momento mais emocionante da cerimônia: o ósculo carinhoso de Maria a sei Filho muito amado, que aflito e torturado, percorre a “*Via Crucis*” (DIAS, 1947, p. 2).

Na ótica do intelectual católico, São Cristóvão era uma cidade voltada para a preservação das tradições e da continuidade das práticas devocionais das camadas populares. Era um centro urbano do passado, da continuidade dos palácios e das práticas devocionais. Ele afirmou:

Passam os tempos, as gerações vão se sucedendo. São Cristóvão cede aos impulsos do progresso e renova sua fisionomia patriarcal, mas a devoção ao Senhor dos Passos permaneceu firme e inabalável, porque arraigada no coração dos crentes e na alma generosa dos homens de boa vontade. Hoje como ontem, amanhã e sempre, a imagem querida de Jesus dos Passos há sempre de percorrer as ruas da velha cidade, abençoando a todos os seus filhos, recolhendo todas as súplicas, amenizando todas as dores, suavizando todos os sofrimentos, e distribuindo todas as graças celetes. “Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão” (DIAS, 1947, p. 2).

Dois anos após a publicação do artigo de Antônio Conde Dias, “*A Cruzada*” voltou a ser veículo de difusão das análises acerca dos Passos de São Cristóvão.

Dessa vez, sob a pena de Severino Pessoa Uchôa, com o seu revelador artigo “A Jerusalém Sergipana”. O próprio título do texto já expressava o viés da interpretação do autor, que buscava revelar a São Cristóvão de meados do século XX como a cidade sagrada dos sergipanos, “uma cidade relíquia”. Para o intelectual pernambucano:

Visitando a vetusta cidade de São Cristóvão a fim de assistir à procissão do Senhor dos Passos, tivemos, sábado último, 12 do corrente, a satisfação de revigorar nossa confiança no espírito católico do povo sergipano. A histórica cidade serrana estava, como de costume, à noite daquele dia, convertida em nova Jerusalém, tal a afluência de penitentes e peregrinos que foram homenagear ao Rei dos Reis.

(...) esta cidade que o Senhor dos Passos converteu em encruzilhada de confraternização e piedade para todos que tem a ventura de seguir a sua doutrina, vive nesta noite, a mais soberba apoteose de contrição e o mais solene espetáculo de religiosidade que se vibra a alma católica de Sergipe. (...).

Não se faz mister inúmeros os favores que concedeu àqueles que recorreram fervorosamente à sua proteção. Esses joelhos que se arrastam nas pedras, esses lábios que murmuram preces de agradecimentos, essas cabeças que carregam feixes de lenha, essas mãos que conduzem velas acesas, dando-nos a impressão de que as estrelas trocaram o leito incensurável do céu para cintilar nas ruas desta velha cidade, são atestados insofismáveis da miraculosa messe de benefícios que Ele concedeu aos que possuem o tesouro da fé (UCHÔA, 1949, p. 3).

Severino Uchôa registrou a procissão dos Passos a partir de uma sensibilidade quase etnográfica, com destaque para as diferentes expressões devocionais da população pobre de Sergipe, como os feixes de lenha, as preces, os romeiros ajoelhados e as fascinantes velas acesas, tidas como estrelas a iluminarem as ruas estreitas da enluarada São Cristóvão.

Em 1954, a romaria foi registrada pelo folclorista Luís da Câmara Cascudo, com o livro “Em Sergipe Del Rey”. De acordo com o intelectual, a primeira capital de Sergipe era um relicário similar às cidades históricas mineiras. Era um desafio aguçado para os sentidos. Além disso, ele chama a atenção para alguns elementos da romaria do Senhor dos Passos, como os ex-votos, o Carmo e as imagens milagrosas. A ênfase nos milagres presentes na cidade certamente estava relacionada à solenidade do Senhor dos Passos, pois o mesmo visitou a cidade

apenas quinze dias após a grande romaria. Uma das principais descrições é em relação ao Pátio dos Milagres:

São Cristóvão — Ordem Terceira do Carmo. PÁTIO DOS MILAGRES. Contemplamos enternecidamente dentre inúmeras arcadas e elevadas paredes com o coração curvado no estendal vivificante da fé, milhares de ex-votos, documentos vivos, irrefutáveis das graças recebidas pelos ascetas que cotidianamente vão levar cabeleiras, tranças, mãos, pés, pernas e cabeças. São promessas, verdadeira exposição de arte popular, silenciosas, pensativas, pendidas nas remotas paredes e teto, numa demonstração de sentimentos cristãos instantâneos poderosos da fé que ressuscita, que levanta e se ergue na consumação dos tempos. São ex-votos doados ao SENHOR DOS PASSOS (CASCUDO, 1954, p. 67).

Câmara Cascudo apresenta os ex-votos do Senhor dos Passos como um testemunho da arte e das crenças das camadas populares. Em meados da década de 50 do século XX, Antônio Conde Dias voltou a escrever sobre a romaria do Senhor dos Passos em São Cristóvão. O jornalista voltou a defender a cidade como centro aglutinador de romeiros e ponto de convergência da história sergipana, com ênfase para o caráter religioso da população local. Nas palavras de Conde Dias:

Mais uma vez o católico povo cristovense, de maneira significativa e confortadora, a cujos sentimentos de religiosidade se associam peregrinos de todos os pontos do Estado, fez reviver as cenas pungentes e dolorosas da Paixão de Cristo, ocorridas nas paragens longínquas e evocadoras de Jerusalém, com a realização da sua querida e centenária festa, que é uma reafirmação e devotamento às tradições mais preciosas e caras dos antepassados. Mais uma vez na extraordinária para de fé católica que nos foi dado presenciar, no segundo domingo da quaresma, romeiros de todos os rincões de Sergipe fizeram solene e pública profissão de fé nos destinos da igreja e do Brasil, acompanhando as sagradas imagens do Senhor dos Passos e da Virgem da Soledade através das ruas vetustas e silenciosas da Velha Capital sergipana, numa rememoração dos acontecimentos que antecederam o sacrifício cruento do Calvário, dezenove séculos atrás (DIAS, 1955, p. 1).

Em 1969, foi publicado o livro “*São Cristóvão Del Rei*”, constando dois artigos que fazem o leitor viajar pelas ruas da Velha Capital. No primeiro, “São Cristóvão e a procura do tempo perdido” de Manoel Cabral Machado apresenta o

Senhor dos Passos como mais um morador da cidade, mais um da “gente boa”. Com tonalidade humorística, o autor convida o leitor a passear pelas ruas estreitas e tortuosas, observar os ex-votos, a solenidade de Passos, pois “na festa de Passos, Sergipe inteiro faz promessas em São Cristóvão. Os devotos caminham de joelhos nas ruas, durante a procissão, acendem velas, carregam feixes de lenha, beijam o santo, depois, vão comer peixadas gordas” (MACHADO, 1969, p. 05). No segundo artigo, “São Cristóvão de minha saudade”, Junot Silveira retrata o cotidiano da cidade a partir da devoção ao Senhor dos Passos. É um texto com certa originalidade, pois registra o trajeto dos devotos desde o momento em que faz a promessa (voto) até o cumprimento com a desobriga e ex-voto. O autor percorre o itinerário do romeiro promesreira de forma comovente, principalmente ao se referir à procissão do depósito, por ele chamada de fogaréu na qual:

É obvio que o préstito sai à noite, do Carmo à Matriz, em breve percurso que dura longo tempo. Muitos conduzem lanternas de vela e lamparina, cujas chamas agitadas pelo vento fazem lembrar grandes borboletas de fogo. E os penitentes, os que pagam promessa andando descalços, ou com um feixe de lenha à cabeça, se não mesmo de joelhos, jornada de sofrimento físico e de fé, as pedras do chão dilacerando a carne, o sangue doado ao Senhor na penosa caminhada, como ânimos poderosos, impulsionando a criatura de um templo a outro, supliciada por vontade própria, chegando ao fim da andança com o corpo moído, as pernas doloridas, mas a alma leve como pluma (SILVEIRA, 1969, p. 07).

Todo o texto de Silveira é permeado pelas práticas devocionais dos romeiros, eles são os personagens principais. Para o pesquisador que quiser estudar a procissão nos anos sessenta, o relato de Junot Silveira é referência indispensável. No decênio subsequente, em decorrência da efervescência cultural provocada pela realização do Festival de Arte de São Cristóvão, poetas se debruçaram no registro das tradições da cidade. Em 1971, João Freire Ribeiro publicou o livro “São Cristóvão em Sergipe Del Rey”, no qual louva a cidade a partir de sua principal manifestação cultural: a solenidade do Senhor dos Passos. No poema “Procissão do Senhor dos Passos em São Cristóvão, em Sergipe Del Rey”, o intelectual elucida com uma preocupação etnográfica a procissão e as práticas penitenciais:

*Pelas ruas da cidade  
com grande solenidade  
vai Jesus, em seu andor  
— Senhor dos Passos levando*

*entre saudades e lírios  
a grande cruz dos mártírios  
sofridos por nosso amor*

*Que divina majestade  
nessa imagem dolorosa  
pelos fiéis conduzidas  
pelas ruas da cidade  
que meditas convencida,  
nas cousas da eternidade!*

*Gemem os sinos dos Conventos  
em bronzes — Longos lamentos  
lembrando Nosso Senhor,  
que na sagrada agonia  
contempla a Virgem Maria  
— imagem da própria dor!*

*Trac-trac das matracas! ...  
Incenso... velas acesas  
Tão tristes como as tristezas!  
O povo, o povo reza  
em contrição, pelas ruas  
que paz imensa e celeste  
que São Cristóvão reveste  
de nostalgia e angústia!*

*Gemem os sinos nos Conventos,  
— nas centenárias igrejas  
em longos, longo lamentos,  
louvando Nosso Senhor!  
Como luz que se descora  
a face melancolia  
da Virgem Nossa Senhora  
da Virgem Santa Maria!*

*Os frades... as irmandades  
as vetustas confrarias  
os "cordões" de procissão  
— Aquarela desse dia,  
de tempos que longe  
com Barões, com Brigadeiros,  
com Presidentes, Senhores  
dos dias provinciais  
cenários que vão e não voltam mais!*

*A cidade, nesse outrora,  
Capital do nosso Estado,  
com poderio e fulgor!*

*A procissão caminhando...  
— Senhor dos Passos levando  
a grande cruz dos martírios  
sofridos por nosso amor!*

*Trac-trac das matracas!  
Incenso... velas acesas  
Tão tristes como as tristezas!*

*Orações balbuciadas  
pelas freiras... Um lamento  
Tem a voz do próprio vento  
lembrando almas penosas*

*Promessas... votos... Saudades...  
Os sobrados parecendo  
rever os vultos de outrora  
à frente das irmandades!...*

*Azul e ouro... Agonia  
do sol morrendo em sanguínea  
nas horas do fim do dia!*

*Mulher morena, formosa,  
de pés nus pisando — chão  
relembra a hebréia mimosa  
pagando a sua promessa  
— Imagem da contrição*

*Trac-trac das matracas!...  
Incenso velas acesas  
tão tristes como as tristezas!*

*O padre (outrora Barroso)  
belo sermão pronuncia  
e, ao findar o sermão  
numa Igreja Venerável  
recolhe-se a procissão!*

*Poema dos tempos idos  
dos grandes dias vividos  
Em Sergipe Imperial  
a procissão, dolorosa,  
tem a alma duma rosa  
que se desfolha chorando,  
que se desfolha rezando  
sobre a velha Capital!*

(RIBEIRO, 1971, p. 49-52).

João Freire Ribeiro expõe uma procissão dramática, permeada de romeiros e devotos contritos, por vezes confundidos com a própria história da cidade. É uma leitura lastreada pelos ruídos das ruas, com os sinos, rezas, matracas e passos dos devotos. São Cristóvão aparece como o cenário de uma procissão que parece ter vida própria, iluminada pela lua cheia e marcada pela luz dos círios carregados pelos romeiros, transmutando-se em uma serpente de fogo. Uma serpente de fogo que se arrasta pelas ruas e deixa nas pedras o sangue dos romeiros pagadores de promessas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma romaria penitencial. Uma cidade enlutada. Um povo contrito. Esses são alguns dos elementos que permeiam a romaria do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão, Sergipe. A imagem do Cristo carregando a pesada cruz é vista pelos romeiros como um convite ao sacrifício, a expressar as dificuldades da vida e ritualizar os dramas sociais. É uma romaria na qual os romeiros e moradores da cidade se integram na rememoração dos fatos vivenciados na Jerusalém bíblica e re-atualizam os tempos da Paixão. A cidade transmuta-se na Jerusalém das Américas.

Nos primeiros dias da quaresma a pequena cidade é vestida de roxo e recebe os milhares de romeiros, que descalços e amortalhados, se ajoelham e passam por baixo do andor do Senhor dos Passos. Com os pés descalços e aos empurrões, seguem a imagem nas duas procissões. Com a esperança renovada, despem-se das mortalhas e jogam na imagem. A romaria não é somente a confluência de segmentos populares do Nordeste brasileiro. É também um espaço de conflito e de afirmação das camadas populares como sujeito da história.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL (2007), *Dossiê com a proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial*. Aracaju: Secretaria do Estado da InfraEstrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão.
- ROSENDAHL, Zeny (2009), *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: UFRJ.
- SANCHIS, Pierre (1983), *Arraial: festa de um povo, as romarias portuguesas*. Trad. Madalena Mendes de Matos. Lisboa: Dom Quixote.
- SANTOS, Magno Francisco de Jesus (2015), *O Prefácio dos tempos: caminhos da romaria do Senhor dos Passos em Sergipe (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro, 320f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- SANTOS, Magno Francisco de Jesus (2017), *Polissemias do patrimônio: políticas públicas estaduais no registro das festas católicas (Bahia, Sergipe e Rio Grande do Norte)*. «Revista Memória em rede». vol. 9, n.º 16, p. 43-67.
- SANTOS, Magno Francisco de Jesus (2018), *Só aqui no Icó nós temos, uma festa bonita assim”: sacralização do espaço e da memória na festa do Senhor do Bonfim de Icó/CE*. «Revista Brasileira de História das Religiões». (Maringá) ano X, n.º 30, p. 259-284.

SANTOS, M. F. J. (2013), *Irmandades de Sergipe oitocentista*. In NAVARRO BARRETO, Raylane Andreza Dias & SANTOS, Claudefranklin Monteiro (org.), *Temas de História e Educação Católica em Sergipe*. Recife: Editora Universitária UFPE, vol. 1, p. 103-135.